

Barreiro, 1993. Jéssica Burrinha nasceu em Portugal e estuda em Lisboa. Concluiu em 2016 a Licenciatura em Escultura, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; Finalizou em 2020 o Mestrado em Escultura na mesma Faculdade. Em 2014, frequentou o curso de Formação Profissional de Workshops sobre séries em Faiança no CENCAL (Centro de Formação Profissional para a Indústria da Cerâmica), nas Caldas da Rainha, e em 2017 frequentou o Centro de Formação Profissional da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica de Lisboa, na temática, Serralharia geral- soldadura e oxicorte, CENFIM, Lisboa. Começou a expor em 2015, já conta no seu currículo com diversas exposições coletivas em diferentes regiões de Portugal e Espanha, participou em 2018 na Art Madrid'18, Feira de Arte Contemporânea, através da Galeria Arte Periférica, no CCB, onde expôs no vigésimo quinto aniversário da mesma, em Lisboa. Em 2020, participou na exposição *“Creative (Un) makings: Disruptions in art/archaeology, “Ineligible”*, no Museu Internacional de Escultura Contemporânea, Santo Tirso e na XXI Bienal Internacional de Arte de Cerveira, Vila Nova de Cerveira. Já recebeu quatro Menções Honrosas, uma no Concurso Mertolarte, 2016, outras duas em Salvaterra de Magos, no Prémio Infante D. Luís às Artes 2017 e 2019 e na 4ª Bienal Internacional de Arte Gaia 2021. Um segundo prémio do Concurso Mertolaarte 2018, em Mértola. Inspirada na Natureza, Jéssica Burrinha trabalhou com diversos materiais tais como, madeira, barro, metal, gesso, cimento e terra. Em 2018, começou a investigar a potencialidade da terra crua e compactada, após ter frequentado um workshop de terra comprimida, no âmbito do projeto europeu LearnBION, dado pela arquiteta Tânia Teixeira na Faculdade de Belas Artes, em Lisboa. Atualmente, está profundamente envolvida na interação entre o espaço e a terra compactada, procurando destacar sempre, a simplicidade e a pureza dos materiais essenciais. A beleza do seu trabalho reside na continua mudança das suas esculturas, que se degradam e regeneram, considerando-as como “esculturas vivas”.